



INTERLOCUÇÃO ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA NA ADOÇÃO DE ESTRATÉGIAS EDUCATIVAS

RIGÃO, Gabriela Sarturi¹; DALLA PORTA, Daniele²; SIQUEIRA, Aline³

Resumo: Este trabalho teve como objetivo investigar a influência do contexto escolar nas práticas educativas utilizadas por mães de pré-escolares. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 12 mães de crianças pré-escolares, sendo seis consideradas predominantemente indutivas e seis predominantemente coercitivas. Os dados foram integrados e analisados com base na Teoria Fundamenta nos Dados (Grounded Theory), com o apoio do software atlas-ti 5.0. Foram identificadas quatro categorias no que se refere à interlocução entre a escola e a família e, conseqüentemente, a influência do contexto escolar nas práticas educativas maternas: 1) *Feedback* escolar, 2) Situações atípicas, 3) Solicitando o professor, 4) Semelhanças e diferenças nas práticas educativas. Com base na análise e discussão dos dados, conclui-se que a comunicação entre a escola e a família se limitou, por vezes, a questões relacionadas a alguns comportamentos atípicos manifestados pela criança na escola, aquisições da criança no contexto escolar ou a dúvidas e solicitações dos próprios pais. Além disso, as mães sinalizaram semelhanças e diferenças nas práticas utilizadas no contexto escolar e familiar, sendo que algumas se utilizavam das mesmas práticas empregadas pelas professoras, enquanto outras, afirmaram utilizar práticas diferentes, principalmente, pelo fato dos professores não empregarem a punição física.

Palavras-Chave: Parentalidade. Escola. Educação. Práticas Educativas.

INTRODUÇÃO

A educação dos filhos é um fator de preocupação constante dos pais, que apresentam dúvidas sobre qual a melhor forma de ensinar o que é certo e estabelecer limites. Essa preocupação é importante, pois as experiências na infância tendem a ser determinantes no desenvolvimento dos indivíduos (RIBEIRO, 2012).

As estratégias utilizadas pelos pais com o intuito de orientar o comportamento dos filhos, suprimindo comportamentos indesejados ou incentivando comportamentos adequados, têm sido nomeadas de diversas formas, dentre elas: práticas educativas parentais (ALVARANGA; PICCININI, 2007; HOFFMAN, 1975/1994). Nesse contexto, as práticas educativas podem ser consideradas indutivas ou coercitivas. Os pais que se utilizam de

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria. Bolsa Iniciação Científica CNPq. E-mail: gabrielasarturi4@gmail.com

² Psicóloga, E-mail: danidallaporta@hotmail.com

³ Orientadora, Professora do PPG em Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: alinecsiq@gmail.com



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mostra de Tecnologias
na Educação a Distância
III Mostra de Trabalhos
Científicos do PIBID
VI Curso de Práticas Socioculturais
Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de
Formação de Professores



práticas educativas indutivas tendem a indicar à criança as consequências do comportamento das mesmas para si e para terceiros, sinalizando os motivos que justifiquem a mudança de comportamento e os aspectos lógicos da situação. Para isso, são utilizadas estratégias como o uso de explicações, regras claras e consistentes, uso de acordos e negociações e limites através do diálogo. Em contrapartida, as práticas coercitivas consistem em estratégias utilizadas pelos pais com o intuito de modificar o comportamento dos filhos por meio da correção, a partir do uso de punição física, ameaça e privação de privilégios (HOFFMAN, 1975/1994).

Apesar dos inúmeros avanços no que se refere aos direitos da criança e do adolescente e da crescente divulgação de pesquisas nacionais e internacionais que apontam os possíveis riscos do uso da punição física como método disciplinar (GERSHOFF; GROGAN-KAYLOR, 2016), muitos pais desconhecem outras formas eficazes de educar e dar limites aos filhos, que não sejam a partir do tradicional uso da palmada (RIBEIRO, 2012). Nesse sentido, a palmada é uma prática ainda sustentada por uma grande influência cultural no Brasil que permite e percebe o uso de castigo físico como um recurso possível (RIBEIRO 2012). Além disso, é possível considerar que o processo histórico que permite transformar a tirania em democracia na educação da família é muito lento, pois os mitos não se desfazem de uma década para outra, mas é possível facilitar por meio do diálogo na escola, na família e na comunidade (RIBEIRO, 2012).

No contexto da atual configuração social, onde as crianças ingressam cada vez mais cedo no meio escolar, um papel preponderante na construção dos limites é exercido tanto pela família quanto pela escola (ARAÚJO; SPERB, 2009). Escola e família são instituições distintas e que apresentam diferentes objetivos, todavia, compartilham a importante tarefa de preparar crianças e adolescentes com característica crítica, participativa e produtiva para a inserção na sociedade (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010). Ambas são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento culturalmente organizado, família e escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social (DESSEN; POLONIA, 2007).

A relação entre família e escola se concebeu, e ainda se mantém, em virtude de situações relacionadas a algum tipo de problema, pouco contribuindo para que as duas instituições pudessem construir uma relação de parceria baseada em fatores positivos e gratificantes relacionados ao aprendizado, desenvolvimento e sucesso dos alunos



(OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010). Em função disso, os autores apontam que as posturas relacionadas a esta relação caracterizam-se por defesas e acusações, como se cada um buscasse se justificar e encontrar razões para a desarmonia que caracteriza tal relação.

Encontra-se uma vasta literatura que aborda a influência da família nas atividades escolares e a participação dos pais na escola. Porém, são escassos os estudos sobre a interlocução entre escola e família no que tange à decisão e ao uso de estratégias de educação. Nessa perspectiva, levando em consideração a importância dessa relação, este trabalho objetiva entender a relação entre o contexto escolar e as práticas educativas maternas adotadas com os filhos em idade pré-escolar.

METODOLOGIA

Essa pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, é parte de um projeto maior que objetivou investigar o uso de práticas coercitivas ou indutivas por mães de crianças pré-escolares. Desse modo, nesse trabalho foi realizado um recorte deste projeto mais abrangente, de forma a visualizar o contexto escolar e as práticas educativas maternas.

Participaram deste estudo 12 mães de crianças de 4 à 6 anos, sendo seis mães cujas práticas parentais são predominantemente indutivas e seis mães com indicativos de práticas parentais coercitivas. As participantes tinham idade entre 24 e 46 anos ($M= 36.5$, $DP= 7.62$), eram casadas, e moravam com os pais de seus filhos.

Os critérios de inclusão delimitados para as participantes foram: ser mãe biológica de filhos com idade entre 4 a 6 anos, com configuração familiar nuclear e coabitação familiar e que atenderam a no mínimo três dos quatro critérios estabelecidos por Hoffman (1975/1994) para práticas coercitivas e indutivas. Os critérios estabelecidos para mães que utilizavam predominantemente práticas indutivas foram: 1) Uso de explicações, 2) Regras claras e consistentes, 3) Uso de acordos e negociações e 4) Limites através do diálogo. Já para as mães com práticas predominantemente coercitivas os critérios foram: 1) Utilização de castigo e punição física, 2) Uso frequente de ameaças, 3) Privação de privilégios, 4) Privação de afeto (HOFFMAN, 1975/1994). Essas mães foram selecionadas a partir de uma pesquisa com 52 participantes.

A escolha por mães, dentre o par parental, justifica-se pelo fato de, geralmente, as mães serem quem mais se ocupa e responsabiliza pela educação dos filhos. Ainda que os pais venham participando mais da educação desses, percebe-se que a mãe exerce um papel



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mostra de Tecnologias
na Educação a Distância
III Mostra de Trabalhos
Científicos do PIBIC
VI Curso de Práticas Socioculturais
Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de
Formação de Professores



predominante na socialização infantil (MARIN; PICCININI; TUDGE, 2011). Além disso, essa pesquisa é fruto de um projeto mais abrangente que teve como participantes mães, pais e/ou responsáveis de crianças em idade pré-escolar e escolar, no qual houve um predomínio de mães (92%) que aceitaram participar do mesmo.

Os instrumentos utilizados com as doze participantes selecionadas para esta pesquisa a “Entrevista semiestruturada sobre práticas maternas educativas em crianças pré-escolares”, que aborda questões relativas às lembranças da infância e criação das mães, crenças sobre como o filho deve ser educado, relação com a escola, influências dos amigos, professores, vizinhos e familiares na educação dos filhos, influência do trabalho e diferenças entre o casal na forma de pensar a educação dos filhos. As entrevistas foram gravadas em áudio, com o prévio consentimento das participantes e, posteriormente, transcritas, para fins de análise. Especificamente neste trabalho, serão contemplados os aspectos da entrevista relativos a relação com a escola.

Todos os aspectos éticos relacionados à pesquisa com seres humanos foram contemplados, como a autorização prévia da instituição, a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Maria, a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos participantes e a garantia de todos os seus direitos, como confidencialidade, sigilo da identidade e possibilidade de retirar sua participação no estudo a qualquer momento. Este estudo, a princípio, não ofereceu risco à dimensão física, moral, intelectual, social ou cultural em qualquer fase da pesquisa.

No tocante à organização e análise dos dados, foi utilizado o modelo teórico da Teoria Fundamentada nos Dados. Tal teoria consiste em um método indutivo de pesquisa que investiga e explica a realidade social a partir da construção de teorias, baseadas na análise sistemática dos dados (STRAUSS; CORBIN, 2008).

A análise dos dados com base na Teoria Fundamentada nos Dados ocorreu em diferentes etapas, sendo elas sobrepostas e não necessariamente analítico-sequenciais, ou seja, não é um processo estruturado, estático ou rígido. Os dados foram analisados a partir do processo de codificação, que corresponde ao elo fundamental entre a coleta de dados e o desenvolvimento de uma teoria explicativa para esses dados (CHARMAZ, 2009). Esse processo envolveu três fases: codificação aberta, axial e seletiva. A codificação aberta refere-se ao processo de identificação e análise dos conceitos. Na codificação axial, foram estabelecidas relações entre as categorias e subcategorias. Por fim, a codificação seletiva



correspondeu à integração e refinamento dos dados, conduzindo-os a uma categoria central (STRAUSS; CORBIN, 2008).

A análise dos dados foi facilitada pelo *software* Atlas-ti 5.0, um programa voltado para a análise de dados qualitativos. O *software* auxiliou no estabelecimento de categorias e conexões entre as informações, a partir da identificação de padrões ou repetições de interesse à pesquisa e do agrupamento de ideias para formação de elementos temáticos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base na análise dos dados, destaca-se algumas inter-relações observadas a partir das narrativas das mães no que diz respeito a influência do contexto escolar nas práticas educativas maternas, bem como na comunicação entre a família e a escola. Assim, serão abordadas as seguintes categorias: *Feedback* escolar, Situações atípicas, Solicitando o professor, Semelhanças e diferenças nas práticas educativas. Nas categorias poderão se observar os resultados de mães indutivas e coercitivas, discutindo-se também essa relação.

FEEDBACK ESCOLAR

Especificamente com relação a comunicação entre a família e a escola, as mães predominantemente indutivas mencionaram que eram poucos os momentos que a escola convocava os pais para falar sobre o comportamento dos filhos, como em reuniões e entregas de relatórios de desempenho. Nos momentos que isso ocorria, geralmente era para dar *feedbacks*, ou seja, informações relacionados com as habilidades e aquisições em termos de conhecimento que a criança adquiriu na escola e com comportamento específico da criança, conforme as narrativas a seguir. “Nos pareceres às vezes assim as profes passam pra nós sobre como se comportam, que tipo, a última vez que ele quer muito é brincar assim sabe, então às vezes na hora das atividades ele não presta muita atenção, porque ele quer terminar de uma vez e brincar sabe” (M10).

Eu sinto poucos momentos que a professora nos dá *feedbacks* sobre eles assim. É muito mais técnico, sobre o que sabe, o que não sabe, o que adquiriu, o que não adquiriu, como se portou frente às atividades do que mais em relação assim a questões psicológicas mesmo ou de relacionamento (M9)

Essa comunicação, por vezes, técnica e pontual, pode ter relação com a percepção dos professores com relação ao papel da escola. O papel da escola, de modo geral, consiste em propiciar à criança um conhecimento sistemático sobre questões que não estão associadas à



sua vivência direta, como a transmissão do conhecimento científico (REGO, 2011). Ademais, na escola, as crianças se envolvem em diferentes atividades, relacionadas a tarefas formais e informais de aprendizagem, que buscam atender as necessidades cognitivas, sociais e culturais da criança, de maneira estruturada e pedagógica (DESSEN; POLÔNIA, 2007).

De modo geral, a comunicação entre família e escola, ocorre nas reuniões para entrega de relatórios relativos às competências das crianças em sala de aula ou em encontros que objetivam comunicar os pais a respeito do que acontece na escola, principalmente quando há questões relativas a problemas de comportamento da criança (SILVEIRA; WAGNER, 2012). Segundo Reali & Tancredi (2002, apud OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010) as reuniões bimestrais e as comemorações organizadas pela escola são vistas por familiares como a representação de uma relação superficial e limitada a situações “formais”, o que pode explicar a inexpressividade destes encontros em relação às práticas maternas coercitivas.

SITUAÇÕES ATÍPICAS

As mães predominantemente coercitivas e indutivas sinalizaram em seus relatos a existência de momentos onde os professores procuravam os pais para tratar de situações atípicas no comportamento da criança na escola.

As participantes identificadas com indicativos de práticas coercitivas enfatizaram que a escola não interferia ou manifestava opiniões acerca de como a criança deveria ser educada, atribuindo aos pais a responsabilidade de educar os filhos. Contudo, em determinadas situações, a escola convocava os familiares na busca de melhores soluções para algum problema comportamental que a criança estivesse apresentando, conforme fica evidenciado nas falas. “As gurias são mais assim de conversar quando tem algum tipo de problema, quando a criança tá diferente da rotina” (M2); “A primeira vez foi que a professora me falou que ele tava meio agitado que era pra mim conversar com ele, mas foi a única vez que ela falou assim” (M7). Com base nas narrativas das participantes, percebe-se que as professoras apenas conversavam com os pais em situações pontuais, nas quais a criança demonstrava estar com algum problema. Estes dados corroboram resultados do estudo de Villas Boas (2013) realizado com mães que se utilizavam da punição física como estratégia educativa com os filhos e haviam vivenciado a violência de forma frequente na sua família de origem que relataram pouca comunicação com a escola no que se refere a como educar os filhos.

As mães predominantemente indutivas também relataram que em alguns momentos, os professores solicitavam os pais para falar sobre algum comportamento atípico da criança



em sala de aula. Os depoimentos das participantes evidenciam que as professoras apenas convocam os pais para falar de questões especificamente relacionadas com a escola e a criança nesse contexto e pareciam não ter como intenção influenciar diretamente na forma como as crianças são educadas pelos seus pais. “Eu tive mais, por exemplo, quando as minhas meninas as duas, uma ainda está e a outra já passou aqui pelo [nome do colégio], daí era comum as professoras da classe, se tivesse qualquer situação diferente ou atípica, elas vinham conversar com a gente” (M1); “E quando o professor sente que a criança sinalizou alguma coisa diferente do normal, eles chamam a gente pra conversar” (M13). Esses dados estão em consonância com estudo realizado por Silveira e Wagner (2012), o qual indica que a escola geralmente busca conversar com os pais em situações atípicas, como a apresentação de problemas comportamentais por parte da criança. Ainda, a falta de comunicação entre a família e a escola foi apontada em pesquisa de Goldberg, Yunes e Freitas (2005), sendo que o diálogo se limita à entrega de pareceres e situações atípicas de comportamentos da criança.

SOLICITANDO O PROFESSOR

As participantes coercitivas ainda destacaram que, apesar das professoras não conversarem sobre como educar os filhos, muitas vezes as próprias mães solicitavam a professora na busca de possíveis problemas de comportamento na escola e na tentativa de saber se a criança estava manifestando comportamentos adequados. “Eu já converso até com a professora mesmo ‘e aí como é que ela tá sendo? Como ela tá indo?’” (M6).

E eu converso muito, tô preocupada, eu digo ‘ó, tu não fica com pé atrás de algo negativo que aconteceu porque tu acha que eu vou achar ruim. Não, eu vou achar bom’. Então, o que for negativo, tu não precisa dizer na frente da criança, mas escreve, e se tiver procurar ajuda eu vou (M4).

As mães coercitivas relataram também que solicitavam a professora para saber como agir com os filhos. “Eu até imito e peço ‘o que que tu faz’, eu pedi hoje, eu digo ‘o que que tu faz que essas crianças ficam tão quietas em tal momento, como é que tu faz?’” (M4). Conforme se observa nos depoimentos acima, as mães solicitavam o apoio das professoras ao perceberem a eficácia de algumas estratégias utilizadas no contexto escolar, em busca da aplicabilidade da prática em casa.

O entendimento das práticas utilizadas pelos professores é também uma preocupação das mães indutivas, que consideram importante que as estratégias educativas escolares e parentais estejam alinhadas. “Eu converso bastante com os professores, então a gente tenta



que as estratégias da escola sejam as mesmas estratégias de casa” (M3). A busca de conversar com os professores sobre esses aspectos é positiva e nessa perspectiva, a existência de canais abertos de comunicação entre os ambientes que a criança participa pode auxiliar no desenvolvimento da criança tanto na família quanto na escola, fortalecendo a relação desses dois espaços (BRONFENBRENNER, 1979/1996).

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

A escola, apesar de não interferir diretamente na forma como os pais educam os filhos, parece influenciar nas práticas educativas utilizadas pelas mães indutivas, ao levar em consideração que as mães buscavam lançar mão das mesmas estratégias que as professoras utilizavam para orientar o comportamento da criança, conforme demonstra o relato. “A gente procura sempre manter a mesma linha de ensinamento, o trabalho que é desenvolvido na escola, a gente busca sempre trazer em casa. E nós sempre tentamos seguir um mesmo alinhamento, as regrinhas que tinha em casa, na escola continuam (M1). Dessa forma, observa-se uma intenção das mães de seguir a mesma linha de ensinamento da professora com o intuito de facilitar tanto o processo educativo quanto à internalização das regras por parte da criança. Nessa perspectiva, cabe destacar que os professores e os pais fazem parte do grupo de pessoas com quem as crianças pequenas interagem numa base regular em períodos longos de tempo, o que denota para a importante função que eles desempenham nos processos proximais, e conseqüentemente, nas estratégias educativas utilizadas (BRONFENBRENNER, 2011). Destaca-se a importância da comunicação entre a família e a escola, especificamente com relação a maneiras de educar a criança, para que valores e práticas educativas positivas sejam compartilhados, e assim, auxiliar o processo de socialização e educação da criança (CECCONELO; DE ANTONI; KOLLER, 2003). O ambiente escolar tem sido cada vez mais responsável pela transmissão de valores fundamentais e de condutas pró-sociais, como amor, solidariedade, empatia, respeito ao próximo e ao ambiente (GOLDBERG; YUNES; FREITAS, 2005).

Algumas mães coercitivas também afirmaram que tentavam empregar práticas educativas semelhantes às que as professoras utilizavam em sala de aula, com foco especial no uso de explicações. “Mas basicamente é parecido até, porque a gente sempre tá explicando tudo, porque que sim, porque que não, o porquê das coisas” (M2). Reiterando a importância do diálogo entre escola e pais sobre as formas de educar, Silveira e Wagner (2012) destacam que as estratégias educativas no contexto escolar, podem servir de modelo para alguns pais



que demonstram interesse em dar continuidade ao uso de determinadas práticas indutivas utilizadas pelos professores, como o diálogo, negociação, combinações e uso de explicações.

Porém, outras participantes coercitivas afirmaram que utilizavam práticas educativas diferentes das que as professoras recorriam para alterar comportamentos inadequados da criança. A principal diferença entre as práticas apontadas é a de que, de acordo com a narrativa das mães, as professoras não podem se utilizar de métodos de punição física, enquanto que as mães podem. “Em casa, eu dou uma palmada que, em casa no caso, elas não podem e eu posso” (M11).

É bem diferente, elas só dizem ‘para fulano que eu vou chamar tua mãe’ ou se não ela apenas tira da sala. Eu conversaria com ele na primeira vez, se não resolvesse eu ia botar de castigo pra ele perceber que eu não tô de brincadeira. E se na terceira ele continuar, aí o chinelo vai cantar nele (M7).

Tais dados explicitam que algumas mães parecem ter dificuldades em empregar maneiras adequadas e positivas de educar os filhos, conforme verificado no estudo de Patias, Siqueira e Dias (2013). Ademais, percebe-se um desconhecimento sobre os direitos da criança, já que não é permitido que a criança seja vítima de violência em nenhum ambiente, seja escolar ou familiar. Resultados da pesquisa de Araújo e Sperb (2009), com mães e professoras de crianças da educação infantil destacam as diferenças nas práticas educativas utilizadas por mães e professoras na construção de limites na criança. As estratégias de caráter indutivo, como o diálogo e a tolerância, aparecem nas narrativas das mães na mesma proporção em que aparece o uso de recursos considerados coercitivos, como a punição física e imposições. Já as professoras, tendem a utilizar estratégias predominantemente positivas e democráticas para orientar o comportamento das crianças, como: tolerância, afeto, diálogo, reflexão, combinações e regras e troca com os pais (ARAÚJO; SPERB, 2009). Diversos estudos apontam para a presença de práticas educativas coercitivas nas famílias como uma tradição, porém essas estratégias se apresentam de maneira diferente no microsistema escolar, tendo em vista a ação dos professores, a sua formação profissional específica e o contexto legal da escola, que não permite a utilização de muitas das práticas utilizadas pelos pais (SILVEIRA; WAGNER, 2009). Essas relações apontam para a necessidade de diálogo sobre o assunto no ambiente escolar. É necessário que as fronteiras entre família e escola tornem-se menos rígidas, o que será possível a partir da (re)definição das tarefas educativas de cada sistema, para que se efetive a ideia de cooperação (SILVEIRA; WAGNER, 2009).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação entre a escola e a família, de acordo com as narrativas das participantes, se limita, por vezes, a questões relacionadas à comportamentos atípicos da criança na escola, aquisições da criança no contexto escolar ou a dúvidas e solicitações dos próprios pais. Nesse sentido, percebe-se uma tentativa da escola em não interferir nas práticas educativas empregadas na família, e vice-versa, sendo destacadas, inclusive, as diferenças e semelhanças nas práticas educativas utilizadas em cada contexto.

Enquanto as mães predominantemente indutivas mostraram apenas semelhanças com as práticas utilizadas pelas professoras, as mães com indicativos de práticas coercitivas assinalaram essa diferenciação quanto ao uso da punição física, que consideram adequado na família. Oliveira e Marinho-Araújo (2010) trazem a visão de que o ambiente escolar exerce um poder de orientação sobre os pais para que estes possam educar melhor os filhos.

Perante isso, destaca-se a importância da comunicação entre a família e a escola, sendo os dois principais agentes socializadores da criança. Percebe-se um interesse, por parte de algumas participantes da pesquisa, em conhecer e manter as estratégias utilizadas pelos professores a fim de facilitar o processo educativo dos filhos. Dessa forma, a escola pode se constituir como fator de proteção para a promoção de práticas que promovam um desenvolvimento saudável, tendo em vista que no contexto escolar as práticas tendem a ser mais democráticas e menos coercitivas.

Muitos pais não conhecem formas eficazes de dar limites aos filhos, que não seja o tradicional uso da palmada, sustentada por uma grande influência cultural no Brasil que ainda permite castigo físico (RIBEIRO 2012). A escola, mostrando e dialogando sobre possibilidades educacionais positivas, consiste em um contexto que pode contribuir para o rompimento do ciclo da violência, onde a punição física é naturalizada. Sob um enfoque sociológico, para o bom funcionamento da escola (que possui valores coletivos), é necessário que as famílias (que possui valores individuais) adotem as mesmas estratégias de socialização por elas utilizadas (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010). As interações entre pais e professores e a complementaridade de suas funções na educação de crianças é algo positivo (SILVEIRA; WAGNER, 2009).

Para que haja a elaboração de uma relação mais positiva entre os pais e a escola e professores, focando não apenas em problemas, mas também na promoção de práticas positivas e da não-violência, é importante que essas mútuas influências entre ambientes seja



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias
na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos
Científicos do PIBID
VI Curso de Práticas Socioculturais
Interdisciplinares
VII Encontro Estadual de
Formação de Professores



compreendida. Dessa forma, será possível espaços de diálogo positivos, onde o desenvolvimento infantil e o crescimento da escola e família enquanto instituições de formação passarão a ser trabalhados em cooperação.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, P.; PICCININI, C. A. O impacto do temperamento infantil, da responsividade e das práticas educativas maternas nos problemas de externalização e na competência social da criança. **Psicologia Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 2, p. 314-323, 2007.
- ARAUJO, G. B.; SPERB, T. M. Crianças e a construção de limites: narrativas de mães e professoras. **Psicol. Estud.**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 185-194, Mar. 2009.
- BRONFENBRENNER, U. **The ecology of human development: Experiments in nature and design.** Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.
- BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados.** Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese – Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano: Tornando os seres humanos mais humanos.** Porto Alegre: Artmed: 2011.
- CECCONELLO, A. M.; DE ANTONI, C.; KOLLER, S. H. Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. **Psicologia em Estudo**, v. 8, n. spe, p. 45-54, 2003.
- CHARMAZ, K. **A construção da Teoria Fundamentalada: guia prático para análise qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009
- DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. **Família e Escola, Paidéia**, v.17, n.36, p. 21-32, 2007.
- GERSHOFF, E. T.; GROGAN-KAYLOR, A. Spanking and Child Outcomes: Old Controversies and New Meta-Analyses. **Journal of Family Psychology**, v. 30, n. 4, p. 453–469, 2016.
- GOLDBERG, L. G.; YUNES, M. A. M.; FREITAS, J. V. O desenho infantil na ótica da ecologia do desenvolvimento humano. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 1, p. 97-106, 2005.
- HOFFMAN, M. L. Moral internalization, parental power, and the nature of parent-child interaction. **Developmental Psychology**, v. 11, n. 2, p. 228-239, 1975.
- HOFFMAN, M. L. Discipline and internalization. **Developmental Psychology**, v. 30, n.1, p. 26-28, 1994.



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mostra de Tecnologias
na Educação a Distância
III Mostra de Trabalhos
Científicos do PIBID
VI Curso de Práticas Socioculturais
Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de
Formação de Professores



MARIN, A. H.; PICCININI, C. A.; TUDGE, J. Estabilidade e mudança nas práticas educativas maternas e paternas ao longo dos anos pré-escolares da criança. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, p. 71-79, v.24, 2011.

OLIVEIRA, C. B. E.; MARINHO-ARAUJO, C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estud. psicol.** Campinas, v. 27, n. 1, p. 99-108, Mar. 2010 .

PATIAS, N. D.; SIQUEIRA, A. C.; DIAS, A. C. G. Práticas educativas e intervenção com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, v.21, n.1, p. 29-40, Jan/Jun. 2013.

REGO, T. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

RIBEIRO, J. M. L. Uso da Palmada como Ferramenta Pedagógica no Contexto Familiar: Mania de Bater ou Desconhecimento de Outra Estratégia de Educação? **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, v.7, n.1, jan/jun. 2012.

SILVEIRA, L. M. O. B.; WAGNER, A. Relação família-escola: práticas educativas utilizadas por pais e professores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, V. 13, N. 2, p 283-291, Julho/Dez. 2009.

SILVEIRA, L. M. O. B.; WAGNER, A. A interação família-escola diante dos problemas de comportamento da criança: estudos de caso. **Psicol. educ.** São Paulo, n.35, p.95-119, dez. 201.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da Teoria Fundamentada. 2a ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

VILLAS BOAS, A. C. V. B. **Violência física contra a criança: fatores de risco e proteção e padrões de interação na família**. 2013. 214 p. Tese (Doutorado em psicologia)- Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, DF, 2013.